

A VIAGEM E O VIAJANTE ATRAVÉS DOS SÉCULOS

A JOURNEY THROUGH THE TRAVELER AND THE CENTURIES

Elis Crokidakis Castro (UFRJ-UNESA-UNIABEU)

RESUMO: O texto apresenta um micro panorama da literatura e do cinema de viagem desde a antiguidade até o século XXI, faz este percurso através de seis obras literárias: *A odisseia*, *Dom Quixote*, *Uma viagem sentimental através da França e Itália*, *Hotel Atlântico*, *Às Avessas*, de seis blogs de viagem e de três filmes: *A grande Viagem* (2004), do diretor Ismaël Ferroukhi, *A Caminho de Casa* (2007) do diretor Zhang Yang e o dirigido por Walter Sales, *Na estrada* (2012).

Palavras-chave: Viagem, literatura, cinema, internet.

ABSTRACT: The text presents a micro panorama of travel literature from antiquity to the twenty-first century, makes this route via 6 works and their characters, namely: *The Odyssey*, *Don Quixote*, *The Sentimental Journey*, *Hotel Atlântico*, *Against Nature* and 6 blogs trip and the 3 movies *Le grand voyage*, Ismaël Ferroukhi, *Getting home* Zhang Yang, *On the Road*, Walter Sales.

Keywords: Journey, literature, movie, internet.

Los viajes son una metáfora, una réplica terrenal del único viaje que de verdad importa: el viaje interior. El viajero peregrino se dirige, más allá del último horizonte, hacia una meta que ya está presente en lo más íntimo de su ser, aunque aún siga oculta a su mirada. Se trata de descubrir esa meta, que equivale a descubrir-se a si mismo; no se trata de conocer al otro. Javier Moro (AGUALUSA, 2001, p. 4).

Nossa intenção neste ensaio é fazer uma micro navegação em torno da literatura de viagem. Utilizaremos os textos dos viajantes reais e dos viajantes imaginários, veremos viagens reais e viagens imaginárias com buscas externas e internas, usaremos formas de narrativas antigas e novas, que as viagens trazem, assim como os novos meios de divulgação dessas viagens pelos *blogs* de viagem.

A viagem que aqui propomos não é uma simples viagem de pequena duração, que leva de um ponto de latitude a outro. É uma viagem mais complexa, que mistura o universo do espaço com o mental e por aí caminha sem que o caminho material de fato exista, muitas vezes.

Todo viajante é em potencial um narrador, um narrador de suas aventuras em terras distantes, e um narrador de suas aventuras dentro de seu próprio ser. A literatura já constata isso desde as primeiras narrativas escritas ou orais.

Desde Ulisses, que para a literatura ocidental pode representar a figura do primeiro navegador, quando da sua volta para Ítaca, até as viagens que estão no mundo virtual, como as dos blogs, uma coisa está sempre presente: o desejo de ver, de sentir aquilo que é diferente do habitual, de mergulhar no outro. Isto é, a busca pelo outro, outro espaço, outra paisagem, outras pessoas, que no fim levam ao encontro do que temos de mais íntimo.

Quando Ulisses, depois de destruir Tróia, se propõe a voltar, ele sabe que sua volta será longa. E é. São 10 anos para chegar à sua cidade e enfim reconhecer que ali era o seu lugar. Todavia, foi preciso que vivenciasse não a guerra propriamente dita, em Tróia, mas a guerra que existe dentro dele mesmo e que ressurge em cada lugar que sua nau para. Em cada porto uma nova aventura e uma nova questão a ser resolvida, questão que fará exaltar a sua astúcia, a sua experiência de navegador, de homem e de grego. Só a destruição de Tróia não foi suficiente para atestar o valor do povo grego, tinha Ulisses/Odisseu que mostrar mais do que era capaz. Tinha que reverter a seu favor encontros históricos, situações que ficariam marcadas para todo sempre na literatura mundial. Sua capacidade de resolver as pendências que a vida impõe vai desde a sagacidade para enganar e subjugar o Ciclope, assim como ser capaz de abandonar Circe e Calipso, de não se deixar levar pelas mulheres mais lindas. Ou seja, sua força não é só física, de guerreiro que impunha o arco, mas existe ali uma força que é mental, intelectual, que com a viagem só se aprimora, devido às mais diferentes experiências que ele vive.

Ulisses então será o grande viajante, que mesmo hoje ainda é copiado em sua trajetória, em seu percurso humano. Para Giucci, em *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*, Ulisses, ao se deparar com habitantes de algumas ilhas estabelece a dicotomia entre o mundo civilizado e a barbárie. Dicotomia esta que permanecerá ainda por muitos séculos, mesmo quando da ocupação da África pelos europeus já no fim do século XIX.

Podemos dizer então que nas epopeias a estrutura da *Odisseia* se repete, a exaltação de um povo e sua cultura podem ser vistos n’Os *Lusíadas*, na *Eneida*, e mesmo em *Caramuru*, aqui por estas bandas brasileiras.

Assim, é por aqui, pelas Américas, que a conquista do maravilhoso se fará. Esse maravilhoso que será construído pela imagem de uma terra distante e opulenta. O novo continente representará o lugar da riqueza, isso já é visto nas primeiras cartas mandadas pelos primeiros conquistadores, como a carta de Caminha, todavia, aquela imagem do maravilhoso, do lugar da utopia, do paraíso terrestre é logo desfeita quando o viajante aqui chega e tem que sobreviver nesses lugares tão diferentes do seu, com índios antropófagos, com doenças tropicais, sem o domínio da linguagem local. Ou seja, diz Giucci, a conquista do maravilhoso, que é impulsionada pelo binômio remoto/maravilhas, acaba se tornando um “choque da alteridade e da desilusão e, ao invés das riquezas e maravilhas que os impulsionaram, eles só conseguiram amearhar e viver de suas amargas experiências pessoais” (GIUCCI, 1992, p. 8).

São muitos os viajantes que, entretanto, se propõem a essa aventura. Não sei se podemos fazer a distinção entre viajantes e navegadores. Antes creio que as duas palavras não poderiam

ser usadas como sinônimos. Outrora, só se viajava a pé, de carroça, cavalo, ou de barco, hoje a viagem pode ser feita em barco, a pé, de bicicleta, de avião ou carro, antes, navegador seria apenas aquele que viaja na nau, por via aquática. Hoje usamos tais palavras como sinônimos, embora no século XV só fosse possível alcançar as Américas por mar, esquecendo-nos das primeiras vias migratórias humanas que nos primórdios deram origem ao povoamento das Américas. Isto é, desde os primórdios já se configura o desejo de ir, de não ficar parado em um único lugar. Se antes íamos em nosso nomadismo em busca de alimentos, depois fomos em busca de riquezas, de comércio e de expansão do modelo de civilização que se tinha na Europa. Isto porque, segundo Alfredo Bosi, “a colonização é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório.” (1992, p. 15) Colonização é em suma “um projeto totalizante cujas forças se busca no nível do colo: buscar novo chão, explorar o seus bens, submeter os seus naturais” (BOSI, 1992, p. 15).

Desta forma, o mundo se europeíza. Interessante é notar como essa europeização se dá pelas conquistas feitas pelos grandes impérios ultramarinos, Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra, o que se reflete na confecção dos mapas da época. Estes mapas, que serão para todo sempre utilizados pelos viajantes, terão um grande impulso de confecção neste momento. E cada país demonstrava seu poderio ao confeccionar esses instrumentos cartográficos com mais precisão.

Mas não são somente as viagens marítimas e suas descobertas que importam em nossa cartografia literária, sem dúvida através destas foi possível ao homem ir o mais distante possível e trazer não só ouro, prata, pimenta, batata, mas também a existência de outras culturas, outras formas de ver a vida, novas civilizações, embora a política primeira fosse de pilhar, carregar tudo que pudesse e ir embora. Desse modo foi feito no Egito, na Grécia e também nas Américas. Objetos de ouro estão até hoje em museus europeus, mesmo depois da campanha feita em prol da devolução desses objetos aos seus verdadeiros donos. Logo, o encontro com o outro não se dá sempre de maneira amistosa.

Embora as grandes e antigas civilizações, como a chinesa e a hindu, já tivessem sido contatadas antes das grandes navegações, pois a rota da seda já era estabelecida para o comércio antes do século XV, esta foi aos poucos abandonada, e posteriormente substituída pela rota marítima. Se a viagem antes se fazia por terra, desbravando matas e montanhas, depois pelo mar ela talvez tenha se tornado menos trabalhosa, com a criação dos instrumentos de navegação pela Escola de Sagres, o que deu a Portugal o domínio da arte de navegar num primeiro momento.

O tempo que se levava andando e depois navegando certamente era propício à reflexão,

não só das estratégias da própria viagem, mas da maneira de lidar com o que estava por vir. Descobertas da fauna, da flora, da geografia, eram intensamente anotadas e servem até hoje como documento, público ou privado, oficial ou não. Os diários de viagem então servem de instrumentos importantes de anotações pessoais dos viajantes e muitos deles serão publicados. Ou seja, há uma literatura informativa, oficial, mas há também uma literatura de cunho pessoal que mistura a imaginação e o real. cremos que é desse registro pessoal misturado ao oficial, que a literatura vai se nutrir. No momento em que o narrador/viajante “desrealiza” a realidade transformando-a em símbolos, ele, por meio dessa representação de elementos particulares, chega aos espaços universais, nos fala Merquior em *A astúcia da mímese*. Assim ampliamos o que seria a realidade, imitação da natureza, a mímese, o que implica também a capacidade criadora.

Literariamente, um texto oficial de viagem talvez não nos diga, hoje, muita coisa, trata-se, na maioria das vezes, de um texto descritivo, com metragens de terra, com identificação de espécies, com descrição do que é literalmente visto como registro das conquistas. Já o texto que possui o que chamamos literariedade pode ocupar um *status* diferente, uma vez que está mais associado à composição literária. Geysa Silva, em sua análise em torno dos diários de Colombo, publicada no livro *Corpos-letrados, corpos-viajantes*, nos diz que nesses textos o navegador genovês “descreve o real com febre de imaginação” e que também nesses textos fica evidente que Colombo está representando e dramatizando a existência, assim, não é um texto frio, apenas descritivo do espaço, é um texto que vai se destacar por características que levam à dimensão conotativa abrindo para variadas interpretações.

Colocamos no segundo grupo os textos que possuem literariedade, as epopeias, construídas para serem literatura, os romances como *O engenheiro cavaleiro D. Quixote de La Mancha* (1605), que inaugura esse gênero, dando um foco mais pessoal às narrativas de viagem e textos como de Laurence Sterne, *Viagem sentimental* (1768), uma mistura de diário e romance. Com a estrutura já romanesca e um pouco mais de introspecção, cheio de sensações, temos a viagem feita pelo personagem des Esseintes em *As avessas* (1884), ainda a viagem feita pelo personagem sem nome de João Gilberto Noll, em *Hotel Atlântico* (1989), somando-se às viagens dos blogueiros que inundam a internet. Em que estas viagens se assemelham e se distinguem? Separadamente, analisemos cada uma. Lembremos que o fato de ter literariedade não quer dizer que a literatura seja boa.

Dom Quixote é um texto em que a viagem se faz necessária justamente por ser o personagem errante, com esta obra o gênero romance se cria e é no romance que a subjetividade começa a ser explorada pela literatura. Assim nos diz Kundera em *A arte do Romance*: todos os temas existenciais que Heidegger analisa em *Ser e tempo*, que ele julga estarem abandonados pela filosofia

européia anterior, serão desvendados pelos quatro séculos de romance. Essa aventura romanesca é a viagem que o homem faz em busca de si mesmo. Seria a viagem dentro da sua mente, uma viagem em que nem sempre se faz concomitante à viagem por lugares reais.

Entretanto, podemos dizer que se as duas viagens, interna e externa, se derem juntas, o efeito pode ser interessante, como nos mostra a literatura. *Dom Quixote* traz à tona inúmeras questões, mas a sua viagem, em busca de sua imaginária Dulcineia pelos territórios de seu país é apenas a ponta do iceberg da existência humana e seus questionamentos. Nesse texto, “a linguagem é necessariamente ambígua e em permanente atualização e abertura, vinculadas estreitamente ao caráter conotativo que a singulariza” (PROENÇA, 2007, p. 33). Dessa forma, mesmo passados tantos séculos a viagem do errante cavaleiro continua a emocionar os leitores e servir de inspiração. Cada encontro que o cavaleiro tem abre espaço para uma infinidade de sentimentos e constatações. Mesmo sendo encontros, por vezes imaginários, eles não se esgotam nas possibilidades de interpretações, e talvez por isso, o gênero aí criado perdure por todos esses séculos. A literatura com esse livro finca seu pé nos tempos modernos e ainda hoje vivemos sob essa influência. Assim, Cervantes faz seu Quixote ter

o entendimento, a nobreza, a decência e a dignidade de um homem prudente e equilibrado: nem demoníaco, nem paradoxal; um homem que não está cheio de dúvidas, de dilemas e que não se sente apátrida neste mundo, mas que é regular, ponderado, receptivo, e amável e modesto, até na ironia; também é antes um conservador, ou, em todo caso, um homem que está de acordo com as circunstâncias dadas. (AUERBACH, 1971, p. 305).

Logo, no caso de Quixote, a viagem será o lugar em que todas as suas loucuras se farão presentes, se exacerbarão.

No livro *Uma viagem sentimental através da França e Itália* de Laurence Sterne, o próprio nome já diz, trata-se de uma viagem nos territórios da França e Itália, em um tempo não delimitado. A temática da natureza humana vai compor a narrativa. O texto conta os envoltivos emocionais e relacionamentos que o personagem/narrador vai estabelecendo ao longo de sua jornada. Não existem datas, nem horas, nem tampouco a definição certa do país onde o personagem se encontra. Em alguns trechos, tem-se a sensação de que a narrativa não sai da França, e a Itália só teria sido ali colocada por uma questão mercadológica e pré-romântica. Sterne, aprimorado em sua técnica de escrita, que implicava numa narrativa fragmentada, entrecortada de pausas, reticências, sugestões de pensamentos para o leitor, não possui um compromisso com a linearidade da narrativa. Tanto faz lermos começando pelo meio ou pelo início, pois que a sensação será a mesma. Percebemos isso quando, ao ler a *Viagem Sentimental*, nos deparamos com o prefácio no meio do livro, já no capítulo 7, isto é, no meio da narrativa aparece o que seria uma explicação introdutória para a mes-

ma. Sterne vai relatando a viagem e nomeando os capítulos de acordo com o seu objeto principal. No capítulo *O monge*, o narrador vai falar das características desse monge e todas as situações que o envolvem, desde a mais corriqueira até a mais profunda, quando ele analisa a questão das virtudes humanas. Assim, tínhamos a viagem como ponto de fuga, ou ao contrário, o lugar distante de onde se era possível pela distância se pensar a vida. Yorick, o personagem, é um conquistador e galanteador, se envolve em relações com mulheres por toda viagem e nenhuma delas toca seu coração. Ele comenta todos os seus encontros com homens e mulheres, tudo que acontece na viagem é narrado e comentado, muitas vezes já com uma elaboração da consciência e de suas conclusões e aplicações daquele fato na sua aprendizagem. Ou seja, seguindo a teoria de Hume na *Investigação sobre o entendimento humano*, percebemos que Yorick vive as situações para depois tirar proveito do que aprendeu com elas. Ele age e depois “indaga como chegou ao conhecimento da relação causa e efeito”. Esse tipo de atitude justifica “a proposição de que as cousas e os efeitos não podem ser descobertos pela razão, mas sim pela experiência”.

Comparativamente, Sterne e Cervantes apontam para uma necessidade de foco mais definido no ser humano, em suas atitudes diante do mundo das relações com outros seres humanos, e apontam também para a ambiguidade da linguagem literária, cuja interpretação dependerá de quem lê. Esse foco no humano e suas relações já não será o que busca o personagem des Esseintes.

Des Esseintes, personagem de Huymanns do livro que se tornou a bíblia do decadentismo, *Às avessas*, não sai de sua casa nos arredores de Paris, mas ali faz uma viagem não só nos rituais satânicos como em toda sorte de sensações que o ser humano pode experimentar com seu corpo. Drogas, álcool, artes, é o exagero das possibilidades, das formas de sair do senso comum da existência. *Anywere out of the world* diz o poema de Baudelaire inscrito na sua sala de estar. Essa viagem não contempla um deslocamento físico, no máximo, o personagem vai até Paris, mas seu deslocamento mental excede a sua capacidade de aguentar, tornando-se o personagem um nevrótico, doente dos nervos, devido ao excesso de sensações.

No capítulo XI do livro, Huysmans, o autor, faz uma paródia das literaturas de viagem que eram muito comuns no século XIX. Assim seu personagem faz viagens imaginárias provocadas por sugestões de obras de artes e literárias. “São viagens intelectuais e oníricas desencadeadas, na maior parte das vezes pelo universo das lembranças”, nos diz Catharina.

Des Esseintes, então, assim como o Decadentismo finissecular, marcam a transição das viagens, do século XV para o século XX, quando atingem seu auge. No século XX as viagens saem do mar e passam para o ar, e ultrapassam nosso planeta indo até a lua e ao espaço, saem também do espaço físico indo ao espaço mental e virtual. Chegamos ao século XXI explorando agora a gigan-

tesca capacidade do espaço virtual. Se des Esseintes viajava, em sua casa por sugestões, sem correr riscos, agora continuamos em casa, viajando através da internet, navegando, cada vez mais isolados do mundo, sem as mesmas interações que antes a viagem real possibilitava. Podemos dizer que essa viagem virtual tem seu início com a criação do cinema. A possibilidade de ali na sala escura viver as emoções sem preocupações foi o que detonou uma série de descobertas posteriores que hoje levam às nossas viagens virtuais.

Prosseguindo na nossa cartografia literária para navegação, no final do século XX, *Hotel Atlântico* é outro livro que vai tratar de uma viagem, e que não se apresenta com tempo definido nem espaço. Na história, o personagem principal sai do Rio de Janeiro, mas sem rumo definido. Nesse trajeto, aventuras amorosas e até inocentes envolvimento em assassinatos são os desvios feitos pelo personagem. Através das pessoas que conhece, o personagem, que é ator, vai formando uma nova concepção das coisas que o cercam. Suas atitudes vão se modificando, e aos poucos a sua personalidade vai se delineando. É como se ele precisasse ter aquele tipo de vivência, de ensaio, para representar seu mais novo papel, o de si mesmo. Encontrar-se é, no caso, a tarefa mais difícil que esse ator teve, pois demanda um total despojamento das coisas materiais e um completo mergulho no seu próprio interior. Todavia esse personagem parece ao final que não se encontra, ele morre em frente ao mar, a imensidão que não tem segredos e que nada sugere a ele, nos diz Vera Figueiredo, que também afirma que nesse fim de século XX a literatura representa então o errante que se desloca, mas não viaja, no sentido moderno da palavra (2010, p. 218). Isto é, as viagens pós-modernas não parecem ter objetivos definidos, nem riquezas, nem terras, nem conquistas, sem objetivos externos e sem internos.

Ainda em *Hotel Atlântico* as personalidades distintas representadas pelo personagem são explicitamente reveladas pelo narrador. A cada dia ou hora ele se sentia incorporado por um personagem diferente, talvez por hábito profissional; num primeiro momento o narrador diz que estava num dia de canastrão, depois sonha ser mulher à espera de um homem, antes disso se diz alcoólatra, e vendedor com praça em todo o Brasil. Ou seja, a viagem e o que ele encontra servem para mostrar a fragmentação do sujeito nesse momento histórico, mais uma vez posso dizer de uma literatura de viagem, uma viagem longa espacial e mental, todavia quase um *non sense*. Todavia essa viagem confusa será adaptada pelo cinema por Suzana Amaral, que viu nela um enorme potencial cinematográfico o que não é algo recente. Podemos dizer que desde o século XIX, o que antes era literatura de viagem se expandiu em cinema de viagem.

De *travellogue*, termo cunhado por Burton Holmes em 1893 no início do cinema, às viagens outras como as que são feitas no tempo, nos sonhos, no espaço, nas drogas, o cinema é frutí-

fero nessas modalidades. Quando o cinema surge, no final do oitocentos, uma de suas funções foi informar e educar, assim viajantes passaram a levar o cinematógrafo dos irmãos Lumière e realizar os filmes de viagem que pela primeira vez mostraram à Europa o que existia do outro lado do mundo através das imagens. Tais filmes consistiam na projeção de imagens fixas ou em movimento seguidas de palestras sobre a viagem ilustrada, esses filmes ainda podiam ser “comercializados como partes avulsas, possibilitando ao exibidor diversas formas de combinações em programas cinematográficos de variedades” (DA-RIN, 2004, p. 41), onde a edição era feita muitas vezes com imagens promocionais de empreendimentos ou meios de transporte. Este tipo de cinema de viagem marca o período dos irmãos Lumière que tem seu fim com o filme *Nanook of the North*, onde não mais a viagem será apenas mostrada como complementar de uma palestra. A partir de *Nanook* de Robert Flaherty, outro elemento passa a constituir os filmes de viagem, a perspectiva dramática, ou seja, a introdução de elementos da gramática cinematográfica, aproximou o filme antigo de viagem à ficção. Assim, manipulação de espaço e tempo, identificação do espectador com o personagem dramaticidade são os novos componentes que nortearão os filmes que hoje misturam a viagem com seus enredos.

A arte cinematográfica então usa a viagem como motivo, como enredo, ou, adiciona a viagem ao enredo, marcando o espaço e o tempo. São inúmeros os filmes que tem a viagem como tema principal, todavia esta nunca vem só, geralmente, a questão humana é atrelada à jornada escolhida pelo personagem. Sempre quem viaja vive inúmeras situações não esperadas e dessas refaz sua forma de ver e viver. A bagagem/experiência recolhida, normalmente serve a este viajante como conhecimento que vai sendo adquirido para sua formação, e estes reunidos a outros o transformarão. Isto é, para o viajante o caminho será o responsável pela sua mudança frente à vida.

Não é novo este movimento de mudança. Ao logo dos anos as viagens cinematográficas também revelam em seu enredo, não apenas o desconhecido, o que é novo, para informar e educar. Agora os argumentos para filmar tais viagens consistem em mostrar fenômenos próprios dos nossos dias: o deslocamento, a errância, a hibridação de culturas, as identidades nacionais ou étnicas, todos estes fenômenos aparecem nos argumentos dos filmes atuais que usam a viagem. Três filmes atuais são exemplo: um franco marroquino, *A grande Viagem* (2004), do diretor Ismaël Ferroukhi, um chinês *A Caminho de Casa* (2007) do diretor Zhang Yang e o dirigido por Walter Sales, *Na estrada* (2012), com múltipla produção.

O primeiro filme, *A grande viagem*, mostra uma peregrinação rumo à Meca. Conta a história de um árabe radicado no sul da França há 30 anos, que obriga o filho francês a levá-lo em uma viagem de carro por 5000 km, atravessando toda Europa, Turquia etc. Nesse percurso eles en-

contram diversas culturas e descobrem as suas próprias dificuldades de relacionamento. No rumo à Meca, o pai muçulmano e o filho passam a se conhecer e a se respeitar, o pai morre em Meca, mas seus valores, passados ao filho, permanecem. A viagem então serve de marcação de tempo/espço e de diferentes sentimentos humanos. A viagem se reserva para isso, para o conhecimento do outro e de si mesmo, além do conhecimento físico da terra e das culturas que eles encontram, ou seja, o que se conhece dentro do carro são as intimidades de cada um, e fora do carro são as outras culturas e espaços.

O filme *A Caminho de Casa* mostra outra cultura, a chinesa, a história é de amizade, lealdade e tradições. Conta a viagem que o personagem principal faz para levar seu amigo morto de volta para casa, para na terra natal ser enterrado. Nessa viagem, *road movie*, cruzando a China, o personagem enfrenta diversas situações, muitas hilárias, que o fazem rever a vida. Conhece homens, mulheres, passa fome e vê de perto as mais diversas formas de vida de seus conterrâneos, e no final encontra até o amor. Realiza sua missão e por isso também se transforma.

Por último o filme *Na estrada* com base no livro *On the Road (Pé na Estrada)*, de Jack Kerouac, conta a história de jovens americanos, que nos anos 50 buscavam algo diferente, sexo, drogas, etc. O personagem principal queria escrever um livro e juntava, nas viagens sem rumo certo, elementos para tal. Para filmar, o diretor Salles e sua equipe percorreram milhares de quilômetros pelo interior dos Estados Unidos. Assim buscavam entender um pouco mais o que os personagens sentiam. Ou seja, podemos dizer que o filme transmite duas viagens, a dos personagens e do diretor. Mais uma vez a viagem como fonte de conhecimento interno.

Assim nos três filmes temos a temática da viagem sendo ou não a pedra fundamental da narrativa. Sem dúvida que através das imagens do cinema, mais facilmente as buscas dos personagens são entendidas pelos espectadores ou leitores e isto, de certa forma, aprisiona a capacidade de imaginação de quem lê, mas também pode servir como um elemento a mais na interpretação do que se pretende dizer e mostrar.

Depois da literatura impressa e dos filmes, existem os escritos que se encontram na internet sobre viagens. Começamos pensando o indivíduo comum, que compra seu pacote de viagem em 12 prestações e viaja com um grupo de pessoas em busca dos lugares turísticos para fazer suas fotos e colocar no *facebook*. Será que este consegue retirar da viagem algo mais? Somente sua interpretação futura poderá dizer. Talvez este indivíduo se assemelhe àqueles navegadores por sua ânsia em ver algo que desconheça, apesar da enxurrada de fotos e relatos na internet. Assim, estar no lugar da foto é uma sensação que somente será sentida, definitivamente, depois que o indivíduo chegar em casa e se ver na foto. Cremos que esse processo de reconhecer a própria imagem num

cartão postal faz com que o personagem tenha real significado do que viveu e essa vivência pode trazer transformações, quando não, apenas prazer.

Muitas vezes o lugar da imaginação, antes de lá se chegar, nada tem a ver com o lugar real. Esta experiência é que faz com que cada vez mais se viaje e se fale sobre a viagem. No mundo virtual encontramos muitos *sites* e *blogs* de viagem, inclusive grupos específicos em que as pessoas se dispõem a dizer o que foi bom, o que foi ruim, dar dicas. Esse material é cada vez mais acessado como consulta para novos viajantes. *Sites* como “Mochileiros.com”, *blogs* como: “Viaje na viagem”, “Viajando de carro” e outros têm um enorme número de acessos, e ali são colhidas tanto boas quanto más informações e nada de literário, outros ainda se dizem literários, mas são *blogs* de venda e propaganda de livros e mesmo divulgação de textos, usando a literatura como uma viagem, exemplo o *blog*, “Viagem literária” e tem ainda os *blogs* de escritores que são muito usados para divulgar seu trabalho, como “Aprendiz do nada” e “O silêncio e a bagagem”.

Dentre esses tipos de *blog* há aqueles em que o escritor, faz a viagem para ter um objeto de escrita. *Blog* como “O silêncio e a bagagem” e outros são de fato literatura e misturam a criação literária com informações de cunho pessoal e imaginário e ainda as vivências do personagem ou do narrador, fora ou dentro do período da viagem.

A literariedade dos tipos de *blog* acima (literário e de viagem) faz surgir uma literatura que se cria durante a viagem e não fora dela, não antes e não muito depois, embora saibamos que sempre pode haver um atraso entre o dia presente e o dia da postagem. O narrador coloca a postagem 2, 3 dias depois, o que sugere já um cuidado de escrita. Desta forma, alguns destes “literoviajantes” somente têm novidades enquanto o personagem narrador está na viagem. Uma vez que chegue, retorne a casa, o *blog* para de receber postagem, mas o que já foi colocado fica ali no mundo virtual *ad eterno*, à espera de uma nova viagem.

No *Blog* “O silêncio e a bagagem” o autor está em viagem, fora de seu lugar, e ali se permite fotografar e sentir a cidade, os lugares e objetos. Percebemos nas fotos novos lugares, sempre, novos sentimentos, novos personagens, mas quase todos sem nome. Ele, ela, indivíduos sem nome que encontramos nas ruas, lugares indefinidos, realidades “desrealizadas” pela composição em meio ao deslocamento. A magia da criação em ação durante todo o percurso. Por este *blog* não só a escrita, mas também as fotos permitem compreender melhor os textos. O cuidado com que são escolhidas as imagens para compor a escrita, e não só ilustrar, faz toda a diferença para o leitor virtual. Um *blog* só com escritos normalmente é muito menos acessado do que aquele que junta escrita e imagem. Estes atraem o leitor a partir da imagem e o prende depois com a escrita.

Outra maneira também atual de uma viagem se transformar em material literário é

quando a editora financia algum projeto para o escritor viver em um lugar distante e escrever algo inspirado por este lugar. Sem dúvida, o produzido pode ser bem interessante na medida em que este escritor busca, como um explorador, aquilo que lhe dê fundamento para a escritura. O mais legal é que em muitas dessas experiências percebemos que mesmo fora de casa o escritor não consegue sair da própria casa, e a distância do seu lugar somente acentua as diferenças, que o fazem narrar sobre o que já conhece e não sobre o desconhecido.

Que as diferenças, principalmente as culturais, fazem acentuar no receptor aquilo que genuinamente é seu, não é novidade, todavia a novidade dessas escritas é quando o viajante depois de muito andar, descobre que não pertence mais a lugar nenhum. Neste caso, sua literatura reflete um deslocamento interior e uma sensação de não pertencimento, é um ser que não tem mais um território definido, um povo, uma língua, pois tem que usar outras línguas não a materna para se comunicar. Suas memórias são ambíguas e ele esquece o que viveu em cada lugar e passa a misturar as paisagens e os acontecimentos, às pessoas que conhece, às comidas que come. Exemplo disso são os viajantes que ficam 40 dias rodando pela Europa. De tanto entrar e sair de países diversos, com culturas e hábitos diferenciados, eles acabam se perdendo no labirinto de línguas, comidas, sensações e talvez só estabeleçam de fato o conhecimento daquele lugar depois que de lá retornarem, ou quando parar, ou depois de muito tempo até que a informação seja digerida.

Por fim, depois dessa micro cartografia literária e fílmica de viagens escolhidas pelo prazer da leitura e a necessidade do trabalho, pensamos que a viagem por si só, hoje, já implica em uma questão primordial: precisamos, mais do que nunca, nos deslocarmos das nossas realidades cotidianas. Este deslocamento, que pode nos libertar do tempo e espaço em que vivemos nosso cotidiano, traz-nos a sensação de revitalização. Não cremos que no fundo possa trazer transformação de nossa forma de ser, mas com certeza o deslocamento inerente ao próprio ato de viajar, traz bem estar e propicia a criação. Assim, todo e qualquer discurso que advenha da viagem (escrito, fílmico, fotográfico) é uma possibilidade de imaginar, criar e reorganizar o nosso cotidiano.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *Um estranho em Goa*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASTRO, Elis Crokidakis. “A teatralidade do espaço na bíblia decadentista”. In: COUTINHO, Luiz Edmundo. *Arte e artifício-manobras de fim-de-século*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CATHARINA, P.P.G.F. “A poltrona mágica de des Esseintes.”, in: COUTINHO, Luiz Edmundo; FARIA, Flora (orgs.). *Corpos-letrados corpos-viajantes*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento-UFRJ, 2007.

DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido - tradição e transformação do documentário*. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

FIGUEIREDO, Vera L. Follain. *Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema*. Rio de Janeiro: 7 Letras / Editora Puc, 2010.

GIUCCI, Guilherme. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HUYSMANS, J-K. *Às avessas*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

MERCHIOR, José. Guilherme. *A astúcia da mimese*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

NOLL, João. Gilberto. *Hotel Atlântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

PROENÇA, Domicio. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Geysa. “A viagem e a escrita”. In: COUTINHO, Luiz Edmundo. *Corpos-letrados, corpos-viajantes*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento-UFRJ, 2007.

STERNE, Laurence. *Uma viagem sentimental através da França e Itália*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.